

# CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E  
ABRINDO CAMINHOS

DAVID GARCÍA MARTUL  
(Organizador)

VOL II



EDITORA  
ARTEMIS

2021

# CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E  
ABRINDO CAMINHOS

DAVID GARCÍA MARTUL  
(Organizador)

VOL II



EDITORA  
ARTEMIS

2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisângela Abreu
<b>Organizadora</b>	Prof.Dr.David García Martul
<b>Imagem da Capa</b>	ciempies
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Carlos III de Madrid, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo*  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, USA*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe  
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências socialmente aplicáveis [livro eletrônico] : integrando saberes e abrindo caminhos: vol. II / Organizador David García Martul. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
Edição bilíngue  
ISBN 978-65-87396-45-3  
DOI 10.37572/EdArt\_300821453

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I. García Martul, David.

CDD 300

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## PRÓLOGO – VOLUME II

La redacción de un prólogo nunca es una tarea fácil, más aún cuando se trata de la presentación de un libro de temática interdisciplinar y transdisciplinar en el campo de las ciencias sociales aplicadas. Es interdisciplinar porque los trabajos que aquí se presentan utilizan un amplio abanico de técnicas de investigación para investigar su objeto de estudio especializado. Así es común encontrar trabajos que por la técnica empleada podríamos pensar son propios de la Antropología y la Sociología. Sin embargo, por el objeto de estudio tratado nos ha parecido más pertinente situarlo en el campo de la Comunicación. Por tanto, hemos dado relevancia al objeto de estudio frente a la metodología investigadora para determinar el campo temático de cada trabajo.

También consideramos que **Ciências Socialmente Aplicáveis: Integrando Saberes e Abrindo Caminhos** es un libro transdisciplinar porque los resultados de las investigaciones son aplicables a muy distintos campos del conocimiento; es decir, una investigación sobre alfabetización mediática puede muy bien ser aplicada tanto al campo de la Educación como a los campos de la Comunicación y la Sociología.

Sin embargo, previa labor de preparación de este prólogo hemos llevado a cabo una labor de análisis de contenido temático de cada uno de los trabajos aquí presentados. Su resultado ha sido un índice desarrollado por un metódico trabajo de selección de los descriptores más acordes a la temática y objeto de estudio de cada capítulo. Para la selección de los descriptores hemos seguido una herramienta, consensuada por la comunidad internacional, como es el Tesoro de la UNESCO; pues en él, se presenta de forma homogénea y normalizada la manera de designar cada uno de los campos del conocimiento. Y si bien debemos considerar toda herramienta de descripción como condicionada por el contexto ideológico, plasmado por sus sesgos y matices socioculturales, de la institución que lo edita pero que aporta un instrumento de navegación por las distintas materias que conforman el mapa de conocimiento de nuestro libro.

Es pues con ello que hemos procurado, de forma estructurada y sistemática, facultar al lector para introducirse en los heterogéneos contenidos del libro de una manera progresiva, armónica y lógica.

En este **Volumen II** se incluyen trabajos en las áreas de Políticas Públicas-Gestión de Conflictos, Empresa-Marketing y Turismo. Se ha optado por el criterio de reunir materias relacionadas con el estudio del desarrollo de estrategias ligadas con actividades económicas.

En el campo de Políticas Públicas-Gestión de Conflictos incluimos ocho trabajos de investigación que tratan desde aspectos ligados con la aplicación de políticas de

gobernanza hasta aspectos más específicos acerca de la aplicación de la gestión política en situaciones de riesgo y conflictos.

El segundo bloque de materias en este volumen es el referido a trabajos relacionados más estrictamente con las iniciativas económicas y empresariales. En este bloque vemos cómo las políticas y estrategias empleadas en la gestión del ámbito de lo público pueden ser aplicadas en iniciativas empresariales y de marketing para la creación de una plusvalía en el sector privado. En este campo contamos con un primer grupo de trabajos ligados a la gestión corporativa. En un segundo grupo veremos herramientas empleadas en la aplicación de políticas corporativas y conductas del consumidor que pueden ser de interés para la más eficaz gestión de políticas corporativas, así como algunos casos prácticos de análisis en este sentido. Finalmente incluimos trabajos acerca del marketing como producto efectivo de las políticas de gestión corporativa.

Finalmente afrontamos un tercer y último bloque de seis trabajos en el campo del Turismo como actividad económica específica, con prácticas eminentemente empresariales sin menoscabo de las implicaciones que sobre la sociedad ejerce.

Esperamos que el presente volumen de **Ciências Socialmente Aplicáveis: Integrando Saberes e Abrindo Caminhos** les resulten de interés pues busca proporcionar una foto fija del estado de la investigación a través de un grupo heterogéneo de trabajos aplicados y previamente evaluados sobre distintos temas comprendidos en este campo. Con ello procuramos al mismo tiempo sugerir futuras líneas de investigación a desarrollar a partir de los textos aquí publicados para todas aquellas personas ligadas a la actividad académica.

**David García Martul**  
**Universidad Rey Juan Carlos**

## SUMÁRIO

### POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DE CONFLITOS

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

O DIÁLOGO ENTRE OS ATORES DO ESTADO E A SOCIEDADE CIVIL COMO FORÇA MOTRIZ DA GOVERNANÇA DA AML: REFLEXÕES A PARTIR DO PONTO DE VISTA DOS GOVERNOS MUNICIPAIS

João Martins de Oliveira Neto

Joaquim Manuel Croca Caeiro

Pedro Miguel Moreira da Fonseca

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214531](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214531)

#### **CAPÍTULO 2 ..... 19**

ESTUDO DE CASO DE UMA UNIDADE DE SAÚDE PÚBLICA MUNICIPAL NO INTUITO DE MELHORIA NO ATENDIMENTO A POPULAÇÃO

Priscila Marinho da Silva

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214532](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214532)

#### **CAPÍTULO 3 ..... 38**

AVALIAÇÃO E RESULTADOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM FAVOR DA PRODUÇÃO NACIONAL DE JOGOS DIGITAIS

Ueli Sonderegger Matos

João Victor Boechat Gomide

Juvêncio Braga de Lima

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214533](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214533)

#### **CAPÍTULO 4 ..... 64**

JUSTIÇA RESTAURATIVA COMO POLÍTICA PÚBLICA MUNICIPAL DE SEGURANÇA CIDADÃ

Daniele Cristina Bahniuk Mendes

Nei Alberto Salles Filho

Thais Cristina dos Santos

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214534](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214534)

**CAPÍTULO 5 ..... 71**

O BENEFÍCIO DO AUXÍLIO-RECLUSÃO: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O BENEFÍCIO COMO POLÍTICA SOCIAL E COMO AGENTE EFETIVADOR DO PRINCÍPIO DA DIGNIDADE HUMANA

Tamara Rita Servilha Donadeli Neiva

Daniela de Figueiredo Ribeiro

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214535](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214535)

**CAPÍTULO 6 ..... 86**

ARBITRAJE DE CONFLICTOS Y DRAMA SOCIAL: APORTES DEL TRABAJO SOCIAL FORENSE EN SOCIEDADES DESIGUALES

Claudia Sandra Krmpotic

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214536](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214536)

**CAPÍTULO 7 ..... 96**

GESTIÓN DEL RIESGO PARTICIPATIVA COMO MEDIO HACIA LA TRANSFORMACIÓN ADAPTATIVA DE COMUNIDADES Y TERRITORIOS VULNERABLES. CASO CALETA SAN PEDRO, REGIÓN DE COQUIMBO, CHILE

Carmen Paz Castro Correa

Juan Pablo Sarmiento

Josefa Espinace

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214537](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214537)

**CAPÍTULO 8 ..... 108**

LA ORGANIZACIÓN DEL SOCORRO EN EL ACCIDENTE FERROVIARIO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

José Antonio Iglesias-Vázquez

Mario López-Pérez

Viviane Ferreira-Leite

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214538](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214538)

**GESTÃO, EMPRESAS E MARKETING**

**CAPÍTULO 9 ..... 125**

ANÁLISIS DEL ENFOQUE DE LA GERENCIA ESTRATÉGICA

Pablo Edison Ávila Ramírez

Alexandra Auxiliadora Mendoza Vera

Gina Gabriela Loor Moreira  
Martha Margarita Minaya Macías  
Janeth Virginia Intriago Vera  
Rubén Hernán Andrade Álvarez  
Milton Geovanny Zambrano Rivera  
Henry Marcelino Pinargote Pinargote  
Jhonny Antonio Ávila Ramírez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3008214539](https://doi.org/10.37572/EdArt_3008214539)

**CAPÍTULO 10 ..... 141**

RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA: INFLUÊNCIAS DO TEMA NA  
FORMAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Giovana Cristina Pavei  
Robson Freire

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145310](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145310)

**CAPÍTULO 11.....160**

A GESTÃO DA MUDANÇA NO MERCADO DE TRABALHO

Maria dos Anjos Pereira  
Elisete Martins

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145311](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145311)

**CAPÍTULO 12..... 172**

A ESCOLHA DE UMA UNIVERSIDADE VISTA SOB O PRISMA DA TEORIA DO  
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR

Vera Lucia Telles Scaglione  
Lizika Pitpar Goldchleger

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145312](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145312)

**CAPÍTULO 13.....186**

ANÁLISIS DE LA GESTIÓN ACADÉMICA - ADMINISTRATIVA DE LA EDUCACIÓN  
SUPERIOR DESDE LA PERSPECTIVA DE LA ECONOMÍA POLÍTICA. CASO DE  
ESTUDIO: ESCUELA SUPERIOR POLITÉCNICA DE CHIMBORAZO

Carlos Benjamín Ricaurte Yépez  
Grace Maribel Parra Vintimilla  
Oscar Iván Granizo Paredes  
José Manuel Pozo Rodríguez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145313](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145313)

**CAPÍTULO 14 .....201**

ECONOMIAS À ESCALA E A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL HUMANO NO SECTOR DE MOLDES EM PORTUGAL: UMA ABORDAGEM MICRO COM DADOS EM PAINEL

Fátima Diniz

Elias Soukiazis

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145314](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145314)

**CAPÍTULO 15..... 227**

OS DESAFIOS DA SUSTENTABILIDADE - DA TEORIA À PRÁTICA: O CASO PILARES DA SAÚDE

Manuel Aníbal Correia Monteiro

João Paulo Peixoto

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145315](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145315)

**CAPÍTULO 16 .....241**

RETRATOS DO MUNDO CORPORATIVO: TECENDO REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DE FILMES

Felipe Gouvêa Pena

Juliana Oliveira Braga

Miriam de Fátima Moreira Felício Braga

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145316](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145316)

**CAPÍTULO 17..... 252**

ANÁLISE ENVOLTÓRIA DE DADOS - O MELHOR MODELO PARA ANÁLISE DE BALANÇO

Moises da Silva Martins

Rosane Aparecida Ferreira Bacha

Edilene Mayumi Murashita Takenaka

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145317](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145317)

**CAPÍTULO 18..... 266**

A MORE EFFECTIVE AUDIT AFTER COSO ERM 2017 OR AFTER ISO 31000: 2009?

Alcina Augusta de Sena Portugal Dias

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145318](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145318)

**CAPÍTULO 19 ..... 278**

TRANSTORNO DE COMPRA COMPULSIVA (TCC): ATUALIZANDO A LITERATURA SOBRE OS COMPRADORES COMPULSIVOS SOB A ÓTICA DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR

Rafael Moreira Guimarães

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145319](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145319)

**CAPÍTULO 20..... 300**

RETAILBALL - UMA CHAVE PARA O SUCESSO

Maria Clara Luxo Correia

Lara Sofia Mendes Bacalhau

Nuno Fortes

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145320](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145320)

**CAPÍTULO 21..... 318**

IMÓVEIS CORPORATIVOS NA CIDADE DE SÃO PAULO: TENDÊNCIAS DO MERCADO

João da Rocha Lima Jr.

Carolina Andrea Garisto Gregório

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145321](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145321)

**CAPÍTULO 22..... 328**

AVALIAÇÃO SOCIOECONÔMICA DE FAMÍLIAS PRODUTORAS DE MARACUJÁ BRS PÉROLA DO CERRADO RESIDENTES NO ASSENTAMENTO OZIEL ALVES III

Marco Aurélio de Carvalho Vieira e Silva

Ana Maria Costa

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145322](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145322)

**CAPÍTULO 23..... 346**

HOME BIAS - OS CONDICIONALISMOS AO INVESTIMENTO ALÉM FRONTEIRA

Lara Sofia Mendes Bacalhau

Maria Elisabete Duarte Neves

João Soares

Rute Mendes

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145323](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145323)

**CAPÍTULO 24.....365**

RENAULT - EXPANSÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO DA MARCA NO BRASIL

Hugo Faria

Maria Madalena Eça de Abreu

Lara Sofia Mendes Bacalhau

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145324](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145324)

**CAPÍTULO 25.....372**

ORGANO GOLD & OG CARES FOUNDATION – “EVERYONE DESERVES A CHANCE”,  
GIVE BACK – UM CASO DE MARKETING EMPRESARIAL E MARKETING SOCIAL DE  
MÃOS DADAS

Joana Rodrigues

Lara Sofia Mendes Bacalhau

Maria Madalena Eça de Abreu

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145325](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145325)

**CAPÍTULO 26.....387**

MARKETING DIGITAL – PASSADO, PRESENTE E FUTURO – AS TENDÊNCIAS E O  
CASO DA ICLIO

André Viegas

Lara Sofia Mendes Bacalhau

Maria Madalena Eça de Abreu

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145326](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145326)

**CAPÍTULO 27 .....401**

TIMWE – UM PARCEIRO DIGITAL DE SUCESSO NO MARKETING SOCIAL-PÚBLICO  
E EMPRESARIAL

Sónia Rocha

Lara Sofia Mendes Bacalhau

Maria Madalena Eça de Abreu

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145327](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145327)

**CAPÍTULO 28.....416**

E-COMMERCE: A INFLUÊNCIA DO MARKETING DIGITAL NO COMPORTAMENTO DE  
CONSUMO

Carmelinda Parizzi

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145328](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145328)

**CAPÍTULO 29..... 428**

A CULTURA TURÍSTICA COMO MINIMIZADORA DOS IMPACTES NEGATIVOS DO TURISMO

Cecília de Melo Correia Baptista  
Luís Manuel Mota dos Santos Figueira

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145329](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145329)

**CAPÍTULO 30 ..... 448**

EMPREENDEDORISMO RURAL E APOIO INSTITUCIONAL: O CASO DE ESTUDO DE UMA ALDEIA NO INTERIOR DE PORTUGAL

Maria Lúcia de Jesus Pato

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145330](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145330)

**CAPÍTULO 31..... 463**

DINÂMICAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA SERRA DE MONTEMURO

Teresa Sequeira

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145331](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145331)

**CAPÍTULO 32 ..... 482**

A CARTA GASTRONÓMICA DA REGIÃO DA COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DAS BEIRAS E SERRA DA ESTRELA COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO GASTRONÓMICO NUMA REGIÃO DO CENTRO DE PORTUGAL

Cristina Rodrigues  
Adriano Costa  
Anabela Sardo

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145332](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145332)

**CAPÍTULO 33..... 502**

E-TURISMO: HERRAMIENTA CLAVE PARA EL DESARROLLO TURÍSTICO EN EL ECUADOR

Pablo Edison Ávila Ramírez  
Alexandra Auxiliadora Mendoza Vera  
Gina Gabriela Loor Moreira  
Martha Margarita Minaya Macías  
Janeth Virginia Intriago Vera

Renelmo Wladimir Minaya Macías  
Rocio Alexandra Mendoza Villamar  
Jhonny Antonio Ávila Ramírez  
Milton Geovanny Zambrano Rivera  
Henry Marcelino Pinargote Pinargote

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145333](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145333)

**CAPÍTULO 34 ..... 515**

**TURISMO SEXUAL EN MÉXICO, ENFOQUE CRIMINOLÓGICO**

Martha Fabiola García-Álvarez  
Luz Adriana Nápoles-Durán  
Carla Monroy-Ojeda  
Dante Jaime Haro-Reyes  
Jorge Humberto Medina-Villarreal

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30082145334](https://doi.org/10.37572/EdArt_30082145334)

**SOBRE O ORGANIZADOR ..... 526**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 527**

# CAPÍTULO 23

## HOME BIAS - OS CONDICIONALISMOS AO INVESTIMENTO ALÉM FRONTEIRA

Data de submissão: 20/06/2021

Data de aceite: 09/07/2021

### Lara Sofia Mendes Bacalhau

Instituto Politécnico de Coimbra  
Instituto Superior de Contabilidade e  
Administração de Coimbra (ISCAC)  
Coimbra Business School  
Coimbra – Portugal  
ORCIDID: 0000-0001-9674-4167  
Autor Correspondente: lmendes@iscac.pt

### Maria Elisabete Duarte Neves

Instituto Politécnico de Coimbra  
Instituto Superior de Contabilidade e  
Administração de Coimbra (ISCAC)  
Coimbra Business School  
Coimbra – Portugal  
ORCIDID: 0000-0002-6250-1113

### João Soares

Instituto Politécnico de Coimbra  
Instituto Superior de Contabilidade e  
Administração de Coimbra (ISCAC)  
Coimbra Business School  
Coimbra – Portugal

### Rute Mendes

Instituto Politécnico de Coimbra  
Instituto Superior de Contabilidade e  
Administração de Coimbra (ISCAC)  
Coimbra Business School  
Coimbra – Portugal

**RESUMO:** O fenómeno do *Home Bias* determina a preferência pelo investimento doméstico em relação ao investimento estrangeiro representando este o nosso principal foco de estudo. Através de um rácio de peso do investimento doméstico e estrangeiro pretendemos verificar se os países (de origem) Portugal, Espanha, Bélgica e Holanda investem mais em títulos nacionais ou num país estrangeiro (de destino), a França. Através da metodologia de dados em painel, ao observar se determinadas variáveis internas e externas condicionavam o enviesamento do investimento, os nossos resultados mostram que os custos de informação e a dimensão são significativos e positivos para o peso do investimento doméstico face ao estrangeiro. Os resultados mostram ainda que a fronteira não se revela significativa, podendo admitir valores positivos ou negativos consoante a situação de fronteira e não-fronteira entre países.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Home bias*. Investimento estrangeiro. Custos de informação.

### HOME BIAS - THE CONSTRAINTS TO INVESTMENT ACROSS BORDERS

**ABSTRACT:** The Home Bias phenomenon determines the preference for domestic investment over foreign investment, which represents our main focus of study. Through a weight ratio of domestic and foreign investment, we intend to verify whether (origin) countries Portugal, Spain, Belgium and the Netherlands invest more in national bonds or in a foreign

(destination) country, France. Using the panel data methodology, when observing whether certain internal and external variables constrained the investment bias, our results show that the information costs and size are significant and positive for the weight of domestic investment compared to foreign investment. The results also show that the border is not significant and may admit positive or negative values depending on the border and non-border situation between countries.

**KEYWORDS:** Home bias. Foreign investment. Information costs.

## 1 INTRODUÇÃO

As barreiras ao investimento estrangeiro, décadas atrás, assumiam uma forte explicação para a presença do fenómeno do *Home Bias*, não justificáveis no panorama atual. Por exemplo, FRENCH e POTERBA (1991, p. 64) demonstraram que os investidores tinham uma expectativa significativamente mais elevada em relação à rentabilidade dos seus ativos domésticos devido a barreiras como as fronteiras, evidenciando enormes custos para obtenção de informação. O *Home Bias* representa o fenómeno no qual a preferência dos investidores recai sobre o investimento doméstico, ou seja, nos seus países de origem e a presença deste fenómeno está, normalmente, associada ao acesso à informação. Os investidores domésticos têm o acesso mais facilitado às informações relativas às empresas e condições económicas domésticas. Presentemente os fluxos de comércio, bem como o investimento internacional têm experimentado uma expansão bastante acentuada, fatores esses, que são motivados por um clima económico cada vez mais favorável na diminuição das barreiras ao investimento internacional e pelo conceito de diversificação do investimento.

PHILIPS; KINNIRY JR. e DONALDSON (2012) confirmam o que já vinha a ser comentado por outros autores quanto à existência da tendência para investir no próprio país – *Home Bias*. Estes autores mostram que este fenómeno tende a ser motivado por vários custos adicionais, diretos e indiretos, associados aos investimentos estrangeiros. Estes incluem os custos de transação, restrições regulatórias, o risco de taxa de câmbio e as assimetrias de informação devido a barreiras ao fluxo de informações, normas de contabilidade diferentes e cultura empresarial e até mesmo às barreiras linguísticas. Ao longo dos últimos 15 anos os custos ao investimento além-fronteira diminuíram drasticamente. Por conseguinte, os custos nas transações diminuíram significativamente e a *internet* revolucionou tanto volume como a velocidade do fluxo de informação (LEVY; LEVY, 2014).

O nosso trabalho pretende estudar o fenómeno de *Home Bias*, ou mais precisamente, o peso do investimento doméstico em relação ao investimento estrangeiro, em quatro países pertencentes à zona euro. Para alcançar este objetivo, pretendemos, com base num rácio de peso do investimento doméstico e estrangeiro, verificar se os

países, Portugal, Espanha, Bélgica e Holanda, revelam preferência por uma carteira majoritariamente constituída por investimento doméstico ou por investimento em um país estrangeiro, a França.

Tendo em conta estes aspetos, pretende-se verificar se o enviesamento do investimento está condicionado por variáveis externas e internas dos países de origem e de destino. Os dados obtidos cobrem um horizonte temporal de 10 anos - informação anual compreendida entre 2003 e 2013. Vários estudos anteriores focaram-se nos custos de transação, custos de informação, risco de taxa de câmbio e normas de contabilidade para a explicação do fenómeno em estudo. A nossa investigação diferencia-se pelo estudo do efeito de custos de informação aliados às condicionantes de dimensão (riqueza) do país de destino do investimento em relação ao de origem, desenvolvimento de mercado e industrial do país de origem e de destino e familiaridade, nomeadamente, as fronteiras.

Como representante da dimensão de um país usaremos o PIB, indicador macroeconómico que traduz a riqueza produzida nos países, ou seja, o desenvolvimento económico. CHAN; COVRIG e NG (2005) revelam que os investidores tendem a atribuir mais do seu investimento a países com um PIB mais elevado. A distância e a fronteira são consideradas variáveis que representam a familiaridade entre os países, por isso, a fronteira será tratada como variável *dummy* a representar a familiaridade. O efeito - fronteira justifica-se com os custos relacionados com o investimento além-fronteira que não são inerentes à diferença de gostos entre as populações. Não excluimos a distância - entre capitais dos países de origem e de destino do investimento - optando por esta variável para representar os custos de informação. Como o desenvolvimento financeiro e dos mercados é cada vez maior e intenso, compreende-se que o investimento estrangeiro aumente consoante a maior capitalização de mercado (Blonigen & Piger, 2014).

Relativamente, ao desenvolvimento industrial é uma condicionante ainda pouco estudada no peso do investimento doméstico relativamente ao estrangeiro, no entanto, o desenvolvimento industrial pode incentivar os investidores a investirem em países do estrangeiro com indústrias diferentes das do país de origem (FERREIRA; MIGUEL, 2007).

O resto do artigo está organizado como segue: na secção 2 faz-se a revisão de literatura e colocam-se as hipóteses a contrastar, na secção 3 serão apresentados os dados e a metodologia; na secção 4 apresenta-se a discussão dos resultados e finalmente a última secção é dedicada às conclusões, limitações do estudo e linhas de investigação futura.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA E HIPÓTESES A CONTRASTAR

O *Home bias* é o fenómeno no qual o investidor tende a sobreinvestir em ativos nacionais em relação a ativos estrangeiros, em detrimento à otimização global de diversificação internacional da carteira. Alguns estudos têm demonstrado que, em termos económicos, este fenómeno limita os benefícios da diversificação internacional. Existindo, assim, constrangimentos nas oportunidades de diversificação do risco e uma redução de oportunidades de investimento.

Muitos estudos, ao longo dos anos, têm mostrado evidências que os investidores possuem superior propensão para uma maior componente de investimento doméstico. Tendo FRENCH e POTERBA (1991) oferecido os primeiros contributos tóricos no estudo do *Home Bias*, os autores demonstraram que a composição de uma carteira de ações de investidores dos EUA, Japão, Reino Unido e França era constituída por 92,2%, 95,7%, 92% e 89,4%, respetivamente, no que respeita a ações do tipo doméstico. Assim comprovaram que os investidores possuem uma carteira com uma forte componente de ativos domésticos. CHAN; COVRIG e NG (2005) também se debruçaram sobre o estudo do *Home bias*, tendo estabelecido uma distinção entre *domestic bias* e *foreign bias*, permitindo-lhes analisar como este enviesamento variava nos países e se as barreiras ao investimento tinham um impacto semelhante nestes dois fatores. A sua amostra era constituída por mais de 20.000 fundos de investimento de 26 países de origem do investimento, com países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. Estes autores estudaram a alocação em carteiras ou portfólios internacionais verificando se estes eram influenciados pelo desenvolvimento de mercado de ações e a familiaridade do investidor com os mercados estrangeiros, tais como, linguagem comum, fluxos comerciais e a proximidade geográfica entre o país do investidor e o de destino do investimento. Neste âmbito, os autores comprovam, que o *Home bias* é menos frequente em economias desenvolvidas, onde os países são mais próximos em termos de linguagem e de distância. Recorde-se que a alocação de ativos pode ser entendida como um processo através do qual o investidor reparte o seu portfólio ou carteira em várias classes de ativos (NEVES; QUELHAS, 2013).

POWNALL; VULCHEVA e WANG (2014) analisaram se as empresas ao decidirem integrar-se num mercado global, mercado *Euronext*, beneficiam de uma maior componente de investimento internacional. Para tal, estudaram se os custos de informação ou os custos de transação eram os principais responsáveis por tal acontecimento. Assim, verificaram que a redução do *Home bias* está associada à diminuição dos custos de informação derivada do pré-compromisso de maior transparência (websites funcionais; uso de IFRS's; uso de contas globais; apresentação das demonstrações financeiras em

inglês; e relato trimestral) associada às empresas segmentadas no mercado *Euronext*. Os autores observaram, que as empresas segmentadas são mais propensas na captação de investimento estrangeiro.

OTHMANI; SAANOUN; GARALI e ARAB (2014) colaboram na análise da evolução do *Home bias* entre os anos de 2001 e 2012. Observando que, para a maioria dos países, houve um declínio do enviesamento entre 2001 e 2008 e um aumento entre 2008 e 2012, conforme se pode observar na tabela seguinte:

Tabela 1 – Evolução do Home Bias entre 2001 e 2012, segundo OTHMANI *et al* (2014)

Année	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Pays												
Belgium	73.3	72.1	70.9	69.4	49.1	47.6	42.3	38.2	40.5	42.6	44.2	45.1
Denmark	65.2	64.3	63.12	64.3	62.2	58.9	56.5	56.1	55.4	54.8	55.9	57.2
Finlande	97.5	97.4	96.8	97.9	97.8	93.4	94.2	58.8	54.0	47.5	49.3	55.17
France	92.9	93.3	94.9	86.1	85.3	89.5	90.2	60.8	62.1	64.5	65.1	66.0
Germany	81.9	83.7	84.2	85.4	54.6	52.3	49.2	51.1	50.3	49.9	51.1	53.2
Italy	97.3	84.6	82.2	84.7	87.4	88.1	89.7	50.6	52.9	54.2	55.3	57.9
Netherland	56.6	52.1	49.4	43.3	30.8	38.5	43.5	12.2	23.7	34.0	35.8	38.7
Portugal	94.1	89.3	87.1	85.3	77.7	70.1	52.9	27.9	40.21	55.8	57.1	59.2
Spain	98.1	96.2	95.6	95.6	95.5	95.2	92.1	81.3	85.3	89.0	89.9	91.3
Sweden	86.3	82.7	78.3	73.8	58.4	57.6	56.4	52.1	53.6	55.1	57.1	58.2
UK	32.9	39.7	52.0	48.4	48.1	49.2	52.7	53.1	55.9	58.7	60.4	62.1
US	49.8	52.3	55.7	57.2	58.8	59.7	62.8	55.2	59.5	66.9	67.4	68.6

Este autores dedicaram o seu estudo à persistência do *Home bias*, ao longo de 15 anos, nos EUA, argumentando, que esta persistência se deve, ao facto, do investidor se deparar com várias vantagens ao investir internamente, tais como, menores custos de transação, menor assimetria de informação, bem como, à ausência de risco de taxa de câmbio. Acrescentam, ainda, que devido ao aumento da correlação entre os mercados domésticos e internacionais, os benefícios resultantes da diversificação internacional são menores. A este respeito e no âmbito das limitações que se podem apontar à diversificação internacional NEVES e QUELHAS (2013, p. 64) referem que “(...) as correlações entre os retornos dos ativos são maiores quando os mercados se encontram em baixa, sendo ainda que essa tendência se acentua durante as crises financeiras. Logo, a diversificação internacional envolve benefícios menores quando as cotações dos títulos baixam. (...)”

Surgem naturalmente diversos estudos que tencionam identificar e compreender quais os fatores que contribuem para a explicação do *Home bias*.

Portanto, a literatura aponta o fator familiaridade como um dos mais determinantes para este fenómeno pois que está relacionado com os custos de informação como por exemplo, COVAL e MOSKOWITZ (2001); PORTES e REY (2005) ou VAN NIEUWERBURGH e VELDKAMP (2009).

Estes últimos autores argumentam que uma vez que os custos de informação podem ser mais elevados nos mercados estrangeiros do que nos domésticos, os

investidores preferem focar as suas atenções em empresas nas quais seja mais fácil a recolha de informação. Acrescentam, ainda, que os investidores no momento da colheita de informação procuram recolher informação diferente dos outros agentes porque pretendem estar um passo à frente em relação aos outros investidores.

CHAN; COVRIG e NG (2005), entre todos as condicionantes presentes na literatura, identificaram o desenvolvimento económico, controlo de capital, desenvolvimento do mercado de ações, familiaridade e a proteção dos investidores como critérios que influenciam o *Home bias*. Os autores demonstraram que os investidores tendem a atribuir mais do seu investimento a um país com um PIB mais elevado, isto é, a um país com maior desenvolvimento económico (para um bom trabalho a relacionar crescimento do país e investimento estrangeiro, ver ALMFRAJI; ALMSAFIR e YAO (2014)). Os resultados obtidos confirmaram, que um mercado de ações mais desenvolvido possui uma forte capacidade de atração de investimento estrangeiro. FERREIRA e MIGUEL (2007), no seu trabalho também fazem a distinção entre *domestic* e *foreign bias* mas utilizam dados do CPIS. Estes autores introduzem no seu estudo a variável concentração industrial, e mostram que os investidores domésticos inseridos numa economia, na qual o setor industrial é pouco diversificado, quando optam por investir externamente, preferem investir em países onde existe uma especialização industrial diferente do seu país. Encontra-se assim, uma evidência de que os investidores se importam com oportunidades de diversificação além-fronteira. KIM; YUN; CIN e KIM (2014) numa amostra relativa ao período entre 2001 e 2011 de 20 países emergentes e 22 países desenvolvidos, observando a relação entre o *home bias* e fatores macroeconómicos, constatam que o PIB tem um efeito negativo no *Home bias*. Este resultado tem subjacente que paralelamente ao crescimento do PIB aumenta o investimento estrangeiro com a redução dos custos de informação.

ANDERSON; FEDENIA; HIRSCHEY e SKIBA (2011), numa amostra mais abrangente, constituída por 37.000 instituições de investimento de mais de 60 países, introduzem no seu estudo um conjunto de variáveis como *proxie* de fatores culturais e familiaridade. Revelaram que a distância, variável representativa da familiaridade, afeta positivamente o *Home bias*, ou seja, quanto mais longe os investidores se encontrarem de um país maior será a proporção de ativos domésticos. Os autores defendem, que a par da distância geográfica, a variável cultura apresenta elevada importância económica na alocação de ativos estrangeiros, dado demonstrar que o viés local é transversal à amostra.

Posteriormente, FEDENIA; SHAFER e SKIBA (2013), respondendo à questão, se a diversificação é influenciada caso o investidor possua vantagens no acesso a informação, observaram que a distância geográfica, assim como, o desenvolvimento industrial são variáveis significativas e positivas. Os resultados suportam a hipótese de que quanto

maior for a distância e as diferenças no desenvolvimento industrial menos diversificada será a carteira. Quanto ao desenvolvimento de mercado (capitalização de mercado), os autores constataam duas observações: primeiro, quanto mais desenvolvido for o mercado de ações, menores serão as barreiras à informação; segundo, caso o investidor se encontre num mercado com um forte desenvolvimento de mercado este terá a tendência a investir no mercado doméstico.

No nosso estudo recorremos a diferentes indicadores como condicionantes ao peso do investimento e baseados na literatura existente, foram selecionados fatores de familiaridade, macroeconómicos, desenvolvimento industrial e desenvolvimento do mercado de ações.

De acordo com a literatura exposta é possível definir as nossas hipóteses:

Segundo, por exemplo, FEDENIA; SHAFER e SKIBA (2013) ou (LEVY; LEVY, 2014) a nossa primeira hipótese prediz uma relação positiva entre custos de informação e investimento doméstico.

H1: Os **custos de informação** afetam positivamente a preferência pelo investimento doméstico.

De acordo com (KIM; YUN; CIN; KIM, 2014) colocamos a segunda hipótese.

H2: A **dimensão** (riqueza) do país de destino do investimento em relação ao país origem reduz a preferência pelo investimento doméstico.

Relativamente ao desenvolvimento do mercado e de acordo por exemplo com ALMFRAJI; ALMSAFIR e YAO (2014) colocamos a nossa terceira hipótese.

H3: O **desenvolvimento do mercado** do país de origem afeta positivamente a preferência pelo investimento doméstico – *Home Bias* - face ao investimento estrangeiro. O desenvolvimento do mercado do país de destino afeta negativamente tal preferência.

De acordo por exemplo com Ferreira e Miguel (2007) apresenta-se a nossa quarta hipótese relativamente ao nível de desenvolvimento industrial do país de origem e de destino do investimento.

H4: O **desenvolvimento industrial** do país de origem afeta positivamente a preferência pelo investimento doméstico – *Home Bias* - face ao investimento estrangeiro. O desenvolvimento industrial do país de destino afeta negativamente tal preferência.

Finalmente e de acordo com Levy e Levy (2014) a nossa quinta hipótese estima que:

H5: Uma maior **familiaridade** entre o país de origem e de destino revela uma redução na preferência pelo investimento doméstico – *Home Bias* - face ao investimento estrangeiro.

### 3 DADOS E METODOLOGIA

#### 3.1 DADOS

Para a definição da amostra, começamos por escolher 4 países que representariam os países de origem do investimento – Portugal, Espanha, Bélgica e Holanda – assim como o país de destino do investimento, a França. Como país de destino tínhamos como propósito seleccionar um país de entre uma seleção prévia com França, Alemanha e Itália. No entanto, excluímos a hipótese de utilizar os dois últimos, devido por um lado ao facto da Alemanha ser considerado um “*big market*” o que se poderia tornar complexa a leitura dos resultados e por outro a Itália por se encontrar mais distante de todos os países de origem escolhidos. O principal argumento que justifica a escolha dos países a incluir na amostra recaiu, essencialmente, no facto de todos pertencerem à zona euro, dos seus mercados funcionarem de formas semelhantes e, sobretudo, por todos se encontrarem próximos geograficamente.

Começámos, na amostra inicial, por incluir todos os tipos de valores mobiliários transacionados por cada país. Para tal, recorreremos à base de dados do *Coordinated Portfolio Investment Survey* (CPIS) disponibilizada pelo Fundo Monetário Internacional, que agrega os dados sobre a detenção de títulos de investimento estrangeiro em carteira por país, de 2003 a 2013, tal como sugere a tabela 2.

Tabela 2 – Total de investimento estrangeiro em França (em euros)

		Total do investimento estrangeiro em França			
		Portugal	Espanha	Bélgica	Holanda
Anos	2003	9.702.530.015,43 €	41.022.629.478,43 €	43.167.601.954,78 €	65.843.564.478,70 €
	2004	10.903.111.516,68 €	48.321.014.235,51 €	55.365.084.260,78 €	81.481.278.716,45 €
	2005	15.368.657.901,96 €	74.952.153.129,44 €	71.224.673.386,11 €	98.999.313.052,92 €
	2006	14.894.797.938,08 €	66.997.756.516,74 €	77.371.829.248,67 €	85.555.446.604,10 €
	2007	13.387.525.619,25 €	71.094.250.868,95 €	75.529.729.130,98 €	90.860.088.365,28 €
	2008	11.046.436.343,39 €	53.381.663.398,88 €	61.810.925.875,23 €	99.955.264.115,96 €
	2009	13.672.748.353,29 €	65.858.604.651,03 €	75.915.463.689,11 €	127.309.599.917,47 €
	2010	10.963.148.670,02 €	49.515.881.333,13 €	87.806.815.853,68 €	145.448.619.204,85 €
	2011	10.947.508.277,87 €	40.998.466.683,16 €	95.930.618.653,12 €	125.019.755.153,46 €
	2012	9.292.250.533,97 €	36.425.902.216,85 €	99.210.465.078,75 €	141.277.200.935,06 €
	2013	8.478.054.366,48 €	36.667.825.204,69 €	99.589.899.458,12 €	149.066.606.308,15 €

Observação: Note-se que o valor do investimento estrangeiro em França é parte da variável dependente utilizada no modelo de explicação à preferência do investimento doméstico relativamente ao estrangeiro.

Pelos dados que ilustram o total do investimento estrangeiro em França é possível verificar que o país que mais investe (euros) na França é a Holanda, seguido pela Bélgica, Espanha e por último Portugal. Recorde-se que FEDENIA; SHAFER e SKIBA (2013) referem que a Holanda contém uma das maiores percentagens de investimento nos Estados Unidos da América por parte de países da zona euro, surgindo logo após a Irlanda. Este facto pode sugerir que a Holanda tem maior propensão à diversificação internacional.

No nosso estudo também, podemos verificar que Portugal e Espanha admitem um decréscimo no seu nível de investimento em 2012 e 2013. Esse decréscimo pode estar relacionado com a crise de dívida pública que se iniciou em 2012 na zona euro, afetando severamente alguns países, de entre os quais, Portugal e Espanha, deixando a Bélgica e Holanda de fora do grupo dos mais afetados. Um efeito muito estudado e que se pode verificar aqui é o efeito da crise do *subprime* no investimento, sobretudo nos anos de 2007 e 2008, o qual marcou a falência ou quase falência de influentes instituições financeiras dos EUA, em que o maior exemplo é o Lehman Brothers. Dos países evidenciados apenas a Holanda não apresentou um decréscimo nesses anos.

Relativamente à nossa variável dependente (Investimento- *INV*), para que fosse possível analisar se os países Portugal, Espanha, Bélgica e Holanda investem mais em valores mobiliários domésticos ou estrangeiros – França – recorreu-se ao cálculo de um rácio de peso do investimento. Assim, foi usada a relação entre o investimento doméstico, aqui representado pelo Produto Interno Bruto (PIB), de cada país, considerado por alguns autores como o principal indicador do investimento doméstico (SORENSEN; WU; YOSHA; ZHU, 2007), e o total do investimento estrangeiro em França, explicitado acima. Assim, definimos a nossa variável dependente como:

$$INV_{ij} = \frac{PIB_i}{TIE_{ij}}$$

Onde:

$INV_{ij}$  representa o peso do investimento do país de origem  $i$  no país de destino  $j$ ,

$PIB_i$  é o investimento doméstico do país de origem  $i$

$TIE_{ij}$  o total do investimento estrangeiro do país de origem  $i$  no país de destino  $j$ .

### 3.2 METODOLOGIA

Para contrastar as hipóteses propostas, a metodologia utilizada compreende um modelo de regressão linear com dados em painel recorrendo-se à versão online do Gretl.

Recorremos a diferentes dados, de modo, a explicar o efeito das hipóteses colocadas no peso do investimento. Na Tabela 3 é feito o sumário das variáveis explicativas escolhidas, bem como as respetivas fontes de informação:

Tabela 3 - Variáveis Explicativas

Variável		Descrição	Fonte
Distância	$Dist_{ij}$	Distância geográfica (medida em quilómetros) entre as capitais do país de origem $i$ e de destino $j$	CEPI I
PIB	$PIB_j - PIB_i$	Diferença entre o PIB do país de destino $j$ e de origem $i$	PORDATA
Capitalização de mercado	$CAP_i$	Rácio entre a Capitalização de Mercado e o respetivo PIB do país de origem $i$	WORLD BANK
Capitalização de mercado	$CAP_j$	Rácio entre a Capitalização de Mercado e o respetivo PIB do país de origem $j$	WORLD BANK
Desenvolvimento Industrial	$VIND_i$	Rácio entre o Volume Industrial e o respetivo PIB do país de origem $i$	World Development Indicators
Desenvolvimento Industrial	$VIND_j$	Rácio entre o Volume Industrial e o respetivo PIB do país de origem $j$	World Development Indicators
Fronteira	$FRONT_{ij}$	Variável <i>dummy</i> representativa de fronteira e não fronteira entre os países de origem $i$ e de destino $j$ com $\begin{cases} 0, & \text{quando o país de origem não faz fronteira com o de destino} \\ 1, & \text{caso contrário} \end{cases}$	Mapa da Europa

Observação: A unidade monetária foi convertida de US Dólares para Euros através das taxas de câmbio anuais de referência. Para tal foi usada informação obtida através do Yahoo Finance.

A variável **distância**, apesar de se caracterizar uma variável de familiaridade, representa, neste estudo, os **custos de informação** de forma a contrastar a Hipótese 1 (H1). Os investidores têm normalmente preferência por investir em países que se aproximem geograficamente por ser mais fácil a obtenção de informação, daí assumir-se que esta variável tenha influência positiva no peso do investimento. O **PIB** é um indicador macroeconómico que traduz a riqueza produzida num país o que, por sua vez, nos reporta ao desenvolvimento económico. Por isso, este indicador pode representar a **dimensão da riqueza** económica de um país e condicionar o investimento por parte dos investidores. A nossa hipótese 2 (H2) pretende contrastar esta ideia de que uma economia mais rica no país de destino pode incentivar os investidores a investirem no estrangeiro, diminuindo o peso do investimento. O **desenvolvimento dos mercados** torna-se fundamental na preferência dos investidores pois que um mercado mais desenvolvido terá mais investidores tanto domésticos como estrangeiros. Com base nesta premissa, a nossa hipótese 3 é dupla e prevê que a **capitalização de mercado** possa influenciar o peso do investimento.

Quanto ao **desenvolvimento industrial**, a nossa hipótese 4 prevê que esta variável possa influenciar o investimento a nível doméstico positivamente quando o volume industrial é maior que o volume industrial do país destino de investimento estrangeiro e vice-versa. Por fim, para testar a hipótese 5 e verificar se o nível de **familiaridade** entre os países influencia o peso do investimento foi utilizada uma variável **dummy** para o efeito

**fronteira** que assume o valor 0, no caso, dos países de origem e destino não fazerem fronteira e o valor 1 nos demais casos.

O modelo base que serve para testar todas as hipóteses colocadas é o seguinte:

$$INV_{jt} = \alpha + \beta_1 DIST_{ij} + \beta_2 LN(PIB_{jt} - PIB_{it}) + \beta_3 LN(CAP_{it}) + \beta_4 LN(CAP_{jt}) + \beta_5 LN(VIND_{it}) + \beta_6 LN(VIND_{jt}) + \beta_7 FRONT_{ij} + \varepsilon_{ij} \quad \dots\dots(1)$$

As variáveis independentes e a dependente, para além dos cálculos adicionais a que foram submetidas, nomeadamente diferenças (PIB) e rácios (Peso do Investimento, Capitalização de Mercado e Volume Industrial), estão logaritmizadas correndo ao o logaritmo neperiano, uma vez que os dados económicos não apresentarem grande estacionariedade, não são normais, apresentando ou valores muito elevados ou muito baixos.

Assim, na Tabela 4 apresentamos a estatística descritiva das variáveis, incluindo a medida de tendência central, média, e medidas de variabilidade desvio-padrão, mínimo e máximo.

Tabela 4 - Estatística Descritiva

	INV	DIST <sub>ij</sub>	PIB <sub>j</sub> -PIB <sub>i</sub>	CAP <sub>i</sub>	CAP <sub>j</sub>	VIND <sub>i</sub>	VIND <sub>j</sub>	FRONT <sub>ij</sub>
Média	2,2427	6,4677	27,906	-0,6871	-0,3180	-1,5809	-1,7047	0,5
Desvio-padrão	0,6895	0,6932	0,2930	0,3825	0,1864	0,1107	0,0521	0,5058
Mínimo	1,2228	5,5698	27,244	-1,3113	-0,6215	-1,7625	-1,7634	0
Máximo	3,3630	7,2813	28,296	0,0343	-0,0069	-1,2769	-1,5947	1
Dimensão	<i>ijt</i>	<i>ij</i>	<i>T</i>	<i>it</i>	<i>jt</i>	<i>it</i>	<i>jt</i>	<i>lj</i>
Contagem	44	44	44	44	44	44	44	44

Observação: Note-se que a dimensão é representada por *i* para os países de origem, *j* para os países de destino e *t* para o momento do tempo.

Verifica-se que a média na capitalização de mercado no país de origem é inferior à capitalização de mercado no país de destino, o que se cumpre, de modo inverso, na variável do volume industrial. A variável distância apresenta o maior valor de desvio-padrão, muito a par da variável dependente de peso do investimento.

A Tabela 5 representa a matriz de correlações entre as variáveis.

Tabela 5 - Matriz das Correlações

	INV	DIST <sub>ij</sub>	PIB <sub>j</sub> -PIB <sub>i</sub>	CAP <sub>i</sub>	CAP <sub>j</sub>	VIND <sub>i</sub>	VIND <sub>j</sub>	FRONT <sub>ij</sub>
INV	1							
DIST <sub>ij</sub>	0,89116	1						
PIB <sub>j</sub> -PIB <sub>i</sub>	-0,40406	-0,16500	1					
CAP <sub>i</sub>	-0,66174	-0,65553	-0,14322	1				
CAP <sub>j</sub>	-0,10017	4,9958E-18	-0,05317	0,48720	1			
VIND <sub>i</sub>	0,22512	0,10467	-0,52646	-0,11534	-0,14838	1		
VIND <sub>j</sub>	-0,03986	-2,2351E-18	-0,08858	-0,16674	-0,22440	0,42836	1	
FRONT <sub>ij</sub>	0,00597	-0,29529	-0,45398	0,01621	-3,40E-18	0,57797	0	1

A matriz das correlações apresenta uma alta correlação entre a variável distância e o peso do investimento, o que pode representar indícios do problema de colinearidade. A capitalização de mercado do país de origem também apresenta um sinal algébrico diferente do que seria esperado. Contudo isto pode dever-se à construção da nossa variável dependente, com critérios diferentes dos estudos anteriores disponíveis. Todas as outras variáveis em correlação com o peso do investimento revelam a correlação esperada e com o sinal previsto.

## 4 RESULTADOS

Em termos de resultados, começámos por testar o modelo, só com as variáveis quantitativas, sem incluir a variável *dummy* - FRONTLj - uma vez que é uma variável qualitativa e representa a presença ou ausência de um atributo. Pretendíamos assim, verificar se as variáveis quantitativas detêm mais significância para o modelo sem a variável *dummy* ou se existem muitas alterações com a sua inclusão.

Como a nossa amostra é constituída por dados em painel, começamos por estimar o modelo dos Mínimos Quadrados (OLS) e realizar alguns testes de diagnóstico ao painel. Com o diagnóstico ao painel percebemos que o melhor modelo para a nossa amostra é o de Efeitos Fixos (cf. Tabelas 6 a 9)

Tabela 6 - Diagnóstico ao painel sem a inclusão da variável FRONTij no Modelo

<p>Diagnósticos: assumindo um painel equilibrado com 4 secções-cruzadas observadas durante 11 períodos</p> <p>Estimador de efeitos fixos permite diferenciar intercepções no eixo x=0 por unidade de secção-cruzada erros padrão dos declives em parêntesis, valores p em chavetas</p> <pre> PIBj_PIBi:      0,5758      (0,32183)      [0,08224] CAPi:          -0,47727   (0,20426)      [0,02531] CAPj:          0,030935   (0,24161)      [0,89885] VINDi:         -2,3741    (0,56367)      [0,00017] VINDj:         1,3612     (0,83571)      [0,11234] </pre> <p>4 médias de grupo foram subtraídas aos dados</p>	<p><b>Teste F:</b> H0: O modelo é Pooled; H1: O modelo segue Efeitos Fixos.</p> <p>O valor de p (0,000333534) é inferior ao nível de significância de 5%, rejeitamos H0. Ou seja, o modelo segue efeitos fixos.</p>
<p>Variância dos resíduos: 0,983952 / (44 - 9) = 0,0281129 Significância conjunta da diferenciação das médias de grupo: F(3, 35) = 8,03268 com valor p 0,000333534 (Um valor p baixo contraria a hipótese nula de que o modelo OLS agrupado (pooled) é adequado, validando a hipótese alternativa da existência de efeitos fixos.)</p> <p>Médias dos resíduos OLS agrupados (pooled) para unidades de secções-cruzadas:</p> <pre> unidade 1:      -0,032825 unidade 2:      -0,0033079 unidade 3:       0,042688 unidade 4:      -0,0065547 </pre> <p>Estatística de teste Breusch-Pagan: LM = 1,35531 com valor p = prob(qui-quadrado(1) &gt; 1,35531) = 0,244351 (Um valor p baixo contraria a hipótese nula de que o modelo OLS agrupado (pooled) é adequado, validando a hipótese alternativa da existência de efeitos aleatórios.)</p>	<p><b>Teste Breusch-Pagan (LM):</b> H0: O modelo é Pooled; H1: O modelo segue Efeitos Aleatórios.</p> <p>O valor de p (0,244351) é superior ao nível de significância de 5%, aceitamos H0. Ou seja, o modelo é "pooled", rejeitam-se os efeitos aleatórios.</p>

Como rejeitamos os efeitos aleatórios não é necessário proceder ao teste de *Hausman* que nos esclareceria em relação a qual o modelo mais indicado entre o modelo de efeitos fixos e o modelo de efeitos aleatórios.

Elaborámos em seguida o diagnóstico ao painel com a inclusão da variável *FRONT<sub>ij</sub>* no modelo e, com base no output retirado do *Gret* efetuámos um teste F e um teste t Breusch-Pagan (LM), como se observa na tabela seguinte:

Tabela 7 – Diagnóstico ao painel com inclusão da variável *FRONT<sub>ij</sub>* no Modelo

<p>Diagnósticos: assumindo um painel equilibrado com 4 secções-cruzadas observadas durante 11 períodos</p> <p>Estimador de efeitos fixos permite diferenciar intercepções no eixo x=0 por unidade de secção-cruzada erros padrão dos declives em parêntesis, valores p em chavetas</p> <table border="0"> <tr> <td>PIBj_PIBi:</td> <td>0,5758</td> <td>(0,32183)</td> <td>[0,08224]</td> </tr> <tr> <td>CAPI:</td> <td>-0,47727</td> <td>(0,20426)</td> <td>[0,02531]</td> </tr> <tr> <td>CAPj:</td> <td>0,030935</td> <td>(0,24161)</td> <td>[0,89885]</td> </tr> <tr> <td>VINDi:</td> <td>-2,3741</td> <td>(0,56367)</td> <td>[0,00017]</td> </tr> <tr> <td>VINDj:</td> <td>1,3612</td> <td>(0,83571)</td> <td>[0,11234]</td> </tr> </table> <p>4 médias de grupo foram subtraídas aos dados</p> <p>Variância dos resíduos: <math>0,983952 / (44 - 9) = 0,0281129</math> Significância conjunta da diferenciação das médias de grupo: <math>F(3, 35) = 6,85853</math> com valor p <math>0,000937208</math> (Um valor p baixo contraria a hipótese nula de que o modelo OLS agrupado (pooled) é adequado, validando a hipótese alternativa da existência de efeitos fixos.)</p> <p>Médias do resíduos OLS agrupados (pooled) para unidades de secções-cruzadas:</p> <table border="0"> <tr> <td>unidade 1:</td> <td>-0,035797</td> </tr> <tr> <td>unidade 2:</td> <td>-0,031453</td> </tr> <tr> <td>unidade 3:</td> <td>0,031453</td> </tr> <tr> <td>unidade 4:</td> <td>0,035797</td> </tr> </table> <p>Estadística de teste Breusch-Pagan: LM = <math>0,924605</math> com valor p = <math>\text{prob}(\text{qui-quadrado}(1) &gt; 0,924605) = 0,336269</math> (Um valor p baixo contraria a hipótese nula de que o modelo OLS agrupado (pooled) é adequado, validando a hipótese alternativa da existência de efeitos aleatórios.)</p>	PIBj_PIBi:	0,5758	(0,32183)	[0,08224]	CAPI:	-0,47727	(0,20426)	[0,02531]	CAPj:	0,030935	(0,24161)	[0,89885]	VINDi:	-2,3741	(0,56367)	[0,00017]	VINDj:	1,3612	(0,83571)	[0,11234]	unidade 1:	-0,035797	unidade 2:	-0,031453	unidade 3:	0,031453	unidade 4:	0,035797	<p><b>Teste F:</b> H0: O modelo é Pooled; H1: O modelo segue Efeitos Fixos.</p> <p>O valor de p (0,000937208) é inferior ao nível de significância de 5%, rejeitamos H0. Ou seja, o modelo segue efeitos fixos.</p> <hr/> <p><b>Teste Breusch-Pagan (LM):</b> H0: O modelo é Pooled; H1: O modelo segue Efeitos Aleatórios.</p> <p>O valor de p (0,336269) é superior ao nível de significância de 5%, aceitamos H0. Ou seja, o modelo é "pooled", rejeitam-se os efeitos aleatórios</p>
PIBj_PIBi:	0,5758	(0,32183)	[0,08224]																										
CAPI:	-0,47727	(0,20426)	[0,02531]																										
CAPj:	0,030935	(0,24161)	[0,89885]																										
VINDi:	-2,3741	(0,56367)	[0,00017]																										
VINDj:	1,3612	(0,83571)	[0,11234]																										
unidade 1:	-0,035797																												
unidade 2:	-0,031453																												
unidade 3:	0,031453																												
unidade 4:	0,035797																												

Como rejeitamos os efeitos aleatórios não é necessário proceder ao teste de *Hausman* que nos esclareceria em relação a qual o modelo mais indicado entre o modelo de efeitos fixos e o modelo de efeitos aleatórios.

Tabela 8 – Estimação do Modelo de Efeitos Fixos

<p>Modelo 6: Estimativas Efeitos-fixos usando 44 observações Incluídas 4 unidades de secção-cruzada Comprimento da série temporal = 11 Variável dependente: INV Omitido devido a colinearidade exacta: DIST<sub>ij</sub> FRONT<sub>ij</sub></p>				
VARIÁVEL	COEFICIENTE	ERRO PADRÃO	ESTAT. T	VALOR P
PIBj_PIBi	0,575804	0,321826	1,789	0,08224 *
CAPI	-0,477274	0,204256	-2,337	0,02531 **
CAPj	0,0309346	0,241609	0,128	0,89885
VINDi	-2,37410	0,563674	-4,212	0,00017 ***
VINDj	1,36115	0,835712	1,629	0,11234
<p>Média da variável dependente = 2,24271 Desvio padrão da variável dependente = 0,689521 Soma dos resíduos quadrados = 0,983952 Erro padrão dos resíduos = 0,167669 R-quadrado não-ajustado = 0,951871 R-quadrado ajustado = 0,94087 Estatística-F (8, 35) = 86,5258 (valor p &lt; 0,00001) Estatística de Durbin-Watson = 1,33428 Logaritmo da verosimilhança = 21,1748 Critério de informação de Akaike (AIC) = -24,3496 Critério Bayesiano de Schwarz (BIC) = -8,29188 Critério de Hannan-Quinn (HQC) = -18,3946</p> <p>Teste para diferenciar grupos de intercepções no eixo x=0 - Hipótese nula: Os grupos têm a mesma intercepção no eixo x=0 Estatística de teste: <math>F(3, 35) = 6,85853</math> com valor p = <math>F(F(3, 35) &gt; 6,85853) = 0,000937208</math></p>				

Apresentamos apenas o Teste ao Modelo de Efeitos Fixos dado que com e sem a inclusão da variável dummy -  $FRONT_{ij}$  - os valores e estatísticas mantêm-se iguais, devido a essa variável ser omitida por colinearidade exata.

Tabela 9 – Modelo

	<i>INV</i>	<i>DIST<sub>ij</sub></i>	<i>PIB<sub>j</sub>-PIB<sub>i</sub></i>	<i>CAP<sub>i</sub></i>	<i>CAP<sub>j</sub></i>
Média	2,24271	6,467749809	27,9064	-0,8369	-0,5757
Desvio-padrão	0,68952	0,693222218	0,29296	0,34426	0,08128
Mínimo	1,22276	5,569810985	27,2442	-1,3698	-0,6751
Máximo	3,36298	7,281289307	28,2964	-0,3707	-0,4198
Amostra	44	44	44	44	44

Modelo 1: Estimativas Mínimos quadrados de amostragem ("Pooled OLS") usando 44 observações  
 Incluídas 4 unidades de seção-cruzada  
 Comprimento da série temporal = 11  
 Variável dependente: INV

VARIÁVEL	COEFICIENTE	ERRO PADRÃO	ESTAT. T	VALOR P
const	25,4575	7,72804	3,294	0,00211 ***
DIST	0,751111	0,0818649	9,175	<0,00001 ***
PIB <sub>j</sub> _PIB <sub>i</sub>	-1,03579	0,275390	-3,761	0,00056 ***
CAP <sub>i</sub>	-0,348793	0,232428	-1,501	0,14150
CAP <sub>j</sub>	-0,939019	0,559332	-1,679	0,10118

Média da variável dependente = 2,24271  
 Desvio padrão da variável dependente = 0,689521  
 Soma dos resíduos quadrados = 2,57622  
 Erro padrão dos resíduos = 0,257015  
 R-quadrado não-ajustado = 0,873986  
 R-quadrado ajustado = 0,861061  
 Estatística-F (4, 39) = 67,6223 (valor p < 0,00001)  
 Logaritmo da verossimilhança = -0,000236945  
 Critério de informação de Akaike (AIC) = 10,0005  
 Critério Bayesiano de Schwarz (BIC) = 18,9214  
 Critério de Hannan-Quinn (HQC) = 13,3088

Excluindo a constante, o valor p foi o maior para a variável 6 (CAP<sub>i</sub>)

Assim a Tabela 10 apresenta assim a primeira estimação ao modelo dos Mínimos Quadrados (*Pooled OLS*) para o modelo sem a variável *dummy* - Modelo I - e para o modelo com a variável *dummy* - Modelo II.

Tabela 10 - Estimação do Modelo dos Mínimos Quadrados (Pooled OLS)

Variáveis Independentes	Modelo I	Modelo II	Modelo I	Modelo II
<i>Constante</i>	20,0658 (0,00003) ***	13,8057 (0,02468) **	<i>R<sup>2</sup> ajustado</i>	0,905554
<i>DIST<sub>ij</sub></i>	0,590518 (0,00001) ***	0,768365 (0,00001) ***	<i>Estatística F</i>	69,7147
<i>PIB<sub>j</sub>PIB<sub>i</sub></i>	-0,894236 (0,00001) ***	-0,697556 (0,00104) ***	<i>Akaike</i>	-5,30021
<i>CAP<sub>i</sub></i>	-0,652662 (0,0030) ***	-0,360326 (0,16098)	<i>Schwarz</i>	7,18912
<i>CAP<sub>j</sub></i>	0,0962566 (0,68279) ***	-0,181998 (0,54044)	<i>Obs.</i>	44
<i>VIND<sub>i</sub></i>	-0,153326 (0,6987)	-0,699693 (0,19452)	<i>Teste F</i>	8,03268 (0,0281129)
<i>VIND<sub>j</sub></i>	-1,5559 (0,03453) **	-0,825816 (0,33671)	<i>Teste Breusch-Pagan</i>	1,35531 (0,244351)
<i>FRONT<sub>ij</sub></i>	Não incluída	0,228605 (0,13963)		0,924605 (0,336269)

Observação 1: Os números entre parênteses representam o valor de p e os restantes o coeficiente.

Observação 2: \*\*\* significativo a 1%, \*\* significativo a 5% e \* significativo a 10%.

Apresentamos na última secção desta tabela os resultados para o diagnóstico ao painel para que se possam observar as diferenças entre os dois modelos aqui representados. Podemos observar que o Modelo I apresenta um maior número de variáveis significativas. As previsões dos sinais algébricos para as variáveis que se demonstraram significativas encontram-se na sua maioria de acordo com o previsto na literatura.

O  $R^2$  ajustado mostra que aproximadamente 90,0% do modelo é explicado pelas variáveis incluídas no modelo. Com base neste modelo poderíamos afirmar que o peso do investimento é condicionado positivamente pela variável *DIST<sub>ij</sub>* corroborando a hipótese 1. Quanto maior a distância, maiores custos de informação e, por isso, maior o peso do investimento doméstico - *Home Bias* - em relação ao investimento estrangeiro (de acordo, por exemplo, com POWNALL; VULCHEVA e WANG (2014). No que respeita à capitalização/desenvolvimento do mercado do país de destino verificou-se que quanto maior esta variável maior a preferência pelo investimento doméstico contrariando a hipótese colocada.

Podemos ainda observar que o peso do investimento é influenciado negativamente pelo *PIB<sub>j</sub>-PIB<sub>i</sub>* corroborando a hipótese 2 seguindo por exemplo Ferreira e Miguel (2007).

No que respeita ao índice de desenvolvimento industrial a variável *VIND<sub>j</sub>* é significativa ao nível de 5%, ou seja, a dimensão (riqueza) do país de destino em relação ao de origem influencia negativamente o *Home Bias* relativamente ao investimento

estrangeiro e o desenvolvimento industrial do país de destino condiciona negativamente o investimento doméstico em relação ao estrangeiro.

Por outro lado, através do Modelo II que inclui a variável *dummy* encontramos apenas duas variáveis significativas *DISTij* e *PIBj-PIBi*. As variáveis *DISTij* (**H1**) e o *PIBj-PIBi* (**H2**) confirmam as previsões e as hipóteses colocadas.

Como o nosso diagnóstico ao painel revelou que o melhor modelo é o de Efeitos Fixos apresentamos de seguida na Tabela 11 o modelo de efeitos fixos.

Tabela 11 - Estimação do Modelo de Efeitos Fixos

Variáveis Independentes	Efeitos Fixos		
<i>PIBj-PIBi</i>	0,575804 (0,08224) *	<i>R<sup>2</sup> ajustado</i>	0,94087
		<i>Estatística F</i>	86,5258
<i>CAPi</i>	-0,477274 (0,02531) **	<i>Akaike</i>	-24,3496
		<i>Schwarz</i>	-8,29188
<i>CAPj</i>	0,0309346 (0,89885)	<i>Obs.</i>	44
<i>VINDi</i>	-2,3741 (0,00017) ***		
<i>VINDj</i>	1,36115 (0,11234)		

Observação 1: Os números entre parênteses representam o valor de p e os restantes o coeficiente.

Observação 2: \*\*\* significativo a 1%, \*\* significativo a 5% e \* significativo a 10%.

Começamos por verificar que com ou sem a inclusão da variável *dummy* – *FRONTij* - o modelo de efeitos fixos se mantinha inalterado, devido a esta variável ser omitida por colinearidade exata. No entanto, não foi só a variável referida a ser omitida por este problema, o teste, também, revelou o mesmo para a variável *DISTij*. O que, contudo, não faz dessas variáveis menos importantes para o nosso modelo, neste momento, apenas não se consegue isolar a sua influência. Segundo GUJARATI e PORTER (2011) este problema poderia ser facilmente ultrapassado, por exemplo, com o aumento da dimensão da amostra.

Três das nossas variáveis mostram-se significativas – *PIBj-PIBi* (**H2**), *CAPi* (**H3**) e *VINDi* (**H4**) – contudo, não demonstram o sinal que prevíamos nas hipóteses colocadas. Com este resultado, poderíamos concluir que a dimensão do país de destino em relação ao país de origem está positivamente relacionada com o peso do investimento, ou seja, uma maior dimensão (riqueza) do país de destino em relação ao país de origem influencia positivamente a preferência pelo investimento doméstico face ao investimento doméstico (*Home Bias*). Em relação, às outras duas variáveis poderíamos concluir que a capitalização/ desenvolvimento de mercado assim como o desenvolvimento industrial do país de origem influencia negativamente o *Home Bias*, ou seja, diminuem o peso do investimento. De

notar que o  $R^2$  sofre um aumento considerado, relativamente à estimação do Modelo dos Mínimos Quadrados (*Pooled OLS*) – Modelo I e II – subindo para aproximadamente 94,09% de explicação do modelo pelas variáveis incluídas.

No entanto, como a variável *DIST<sub>ij</sub>* se mostrou significativa anteriormente, o modelo de efeitos fixos não se mostra o modelo mais adequado. Após estas estimações ponderamos que devido ao problema de colinearidade o Modelo dos Mínimos Quadrados “*Pooled OLS*” representa melhor o nosso modelo e a nossa previsão.

## 5 CONCLUSÕES

A crescente integração e globalização dos mercados financeiros têm-se refletido na consciência dos investidores e a diversificação é essencial. A preferência pelo investimento doméstico é uma barreira a essa diversificação e está a ser combatida com a diminuição dos custos de informação (LEVY; LEVY, 2014), desenvolvimento dos mercados e indústrias e com uma maior familiaridade entre os países.

Baseado na literatura existente, o estudo efetuado compreende a análise às características internas e externas e a sua influência no peso do investimento doméstico em relação ao estrangeiro. A combinação de variáveis utilizadas para a explicação do fenómeno de *Home Bias* e, sobretudo, o rácio de peso de investimento é o que nos diferencia de estudos anteriores. Propusemo-nos ao estudo de um conjunto de variáveis, nomeadamente, familiaridade – fator explicativo dos custos de informação -, desenvolvimento económico, de mercado e industrial.

Os resultados demonstram que os custos de informação, representados pela variável *DIST<sub>ij</sub>*, são positivamente significativos na explicação de um maior investimento doméstico relativamente ao estrangeiro (FEDENIA; SHAFER; SKIBA, 2013) e que o desenvolvimento económico, representado através do *PIB<sub>j</sub>-PIB<sub>i</sub>*, se revela negativamente significativo para um menor investimento doméstico em relação ao estrangeiro (KIM; YUN; CIN; KIM, 2014). No geral, todas as nossas variáveis são possivelmente determinantes explicativos do condicionalismo ao investimento além-fronteira. A nossa análise incluiu uma variável *dummy* de fronteira e não fronteira entre os países. A sua evidência empírica ficou aquém do que era esperado (pensávamos ser significativa na diminuição do *Home Bias*), não se mostrando significativa para o modelo, mas alterando a significância das outras variáveis incluídas.

Relativamente às limitações do nosso estudo, a mais significativa, diz respeito ao facto de termos utilizado unicamente um país de destino do investimento. De forma a colmatar essa limitação seria interessante realizar um estudo com uma amostra mais abrangente.

Para sugestão de estudos futuros, pensamos que poderá ser interessante a introdução de mais variáveis no modelo, representando a familiaridade, como é o caso da cultura e língua. Outro assunto que notamos ser do interesse atual relaciona-se com o número de *media* existentes num país poder atrair ou retrair o investimento, por parte de outros países, ou seja, se a constante informação “má e boa” influencia os investidores concretamente. Por fim, poderia ser usado um novo tipo de metodologia para perceber quais poderão ser os mecanismos que podem facilitar a diversificação internacional.

## REFERÊNCIAS

ALMFRAJI, M. A.; ALMSAFIR, M. K.; YAO, L. **Economic Growth and Foreign Direct Investment Inflows: The Case of Qatar**. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 109, p. 1040-1045, 2014/01/08/ 2014.

ANDERSON, C. W.; FEDENIA, M.; HIRSCHHEY, M.; SKIBA, H. **Cultural influences on home bias and international diversification by institutional investors**. *Journal of Banking & Finance*, 35, n. 4, p. 916-934, Apr 2011. Article.

CHAN, K.; COVRIG, V.; NG, L. **What determines the domestic bias and foreign bias? Evidence from mutual fund equity allocations worldwide**. *Journal of Finance*, 60, n. 3, p. 1495-1534, Jun 2005. Article.

COVAL, J. D.; MOSKOWITZ, T. J. **The geography of investment: Informed trading and asset prices**. *Journal of Political Economy*, 109, n. 4, p. 811-841, Aug 2001. Article.

FEDENIA, M.; SHAFER, S.; SKIBA, H. **Information immobility, industry concentration, and institutional investors' performance**. *Journal of Banking & Finance*, 37, n. 6, p. 2140-2159, Jun 2013. Article.

FERREIRA, M. A.; MIGUEL, A. F. **Home Equity Bias and Industry Concentration**. 2007.

FRENCH, K. R.; POTERBA, J. M. **Investor Diversification and International Equity Markets**. *American Economic Review*, 81, n. 2, p. 222-226, May 1991. Article; Proceedings Paper.

GUJARATI, D.; PORTER, D. C. **Econometria Básica**. 5.<sup>a</sup> Edição ed. 2011.

KIM, B. J.; YUN, Y. S.; CIN, B. C.; KIM, Y. **Home Bias in Emerging Bond and Stock Markets. Emerging Markets Finance and Trade**, 50, n. 4, p. 95-124, Jul-Aug 2014. Article.

LEVY, H.; LEVY, M. **The home bias is here to stay**. *Journal of Banking & Finance*, 47, p. 29-40, Oct 2014. Article.

NEVES, M. E.; QUELHAS, A. P. **Carteiras de Investimento: Gestão e avaliação do desempenho**. Coimbra: Edições Almedina, 2013.

OTHMANI, S.; SAANOUN, I. B.; GARALI, W.; ARAB, M. B. **Determinants of Home Bias Puzzle in European Countries**. *International Review of Management and Business Research*, 3, n. 1, p. 182-198, 2014.

PHILIPS, C. B.; KINNIRY JR., F. M.; DONALDSON, S. J. **The Role of Home Bias in Global Asset Allocation Decisions**. *Vanguard Research*, 2012.

PORTES, R.; REY, H. **The determinants of cross-border equity flows**. *Journal of International Economics*, 65, n. 2, p. 269-296, Mar 2005. Article.

POWNALL, G.; VULCHEVA, M.; WANG, X. **The Ability of Global Stock Exchange Mechanisms to Mitigate Home Bias: Evidence from Euronext.** Management Science, 60, n. 7, p. 1655-1676, Jul 2014. Article.

SORENSEN, B. E.; WU, Y. T.; YOSHA, O.; ZHU, Y. **Home bias and international risk sharing: Twin puzzles separated at birth.** Journal of International Money and Finance, 26, n. 4, p. 587-605, Jun 2007. Article; Proceedings Paper.

VAN NIEUWERBURGH, S.; VELDKAMP, L. **Information Immobility and the Home Bias Puzzle.** Journal of Finance, 64, n. 3, p. 1187-1215, Jun 2009. Article.

## SOBRE O ORGANIZADOR

**DAVID GARCÍA MARTUL** (david.martul@urjc.es) (ORCIDId: <https://orcid.org/0000-0002-0160-9374>). Profesor del Departamento de Ciencias de la Comunicación y Sociología de la Facultad de Comunicación de la Universidad Rey Juan Carlos, Madrid, España. Graduado en Historia en la Universidad de Santiago de Compostela y Graduado en Documentación en la Universidad Carlos III de Madrid. Doctor Europeo en Documentación por esta última universidad. Ha impartido docencia en numerosas universidades tanto en España, Universidad Carlos III de Madrid y Universidad Rey Juan Carlos, como en Universidades Europeas como la School of Journalism, Media and Cultural Studies de la University of Cardiff, en la University of Sheffield, la University of Brighton en Reino Unido o la HoogeSchool de Rotterdam. También ha sido docente en la Universidad de Guadalajara (México) y la UNAM. Ha participado en proyectos de investigación internacionales tanto con países europeos como africanos (con la Universidad Cheik Anta Diop y la Universidad de Cabo Verde) en el campo de la cooperación interuniversitaria para el desarrollo de herramientas de alfabetización digital. Cuenta con más de 60 trabajos de investigación científica en los campos de la Alfabetización Digital y Mediática, Documentación y Comunicación.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Accidente ferroviário 108, 109, 110

Aluguéis corporativos 318, 319

Ambiente 3, 6, 7, 8, 10, 65, 66, 76, 99, 129, 144, 145, 146, 150, 155, 161, 167, 195, 200, 228, 232, 233, 237, 246, 248, 289, 309, 320, 329, 332, 337, 342, 370, 422, 428, 432, 433, 438, 441, 444, 450, 483, 488, 489, 521

Análise envoltória de dados 252, 253, 257, 259, 264

Antivalores 516, 519, 524

Apoio institucional 53, 448, 451, 452, 460, 461

Aptidões dos gestores 300

Arbitraje social 86, 89, 94

Atendimento ao público 19, 21, 33, 34, 37

Atualização de literatura 278

Audit 266, 267, 269, 273, 274, 276

Auxílio-reclusão 71, 72, 73, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

### B

Big data 387, 388, 390, 391, 394, 395, 398, 399

### C

Campo Benfeito 448, 449, 452, 453, 454, 456, 459, 460, 462, 466, 471, 472, 473

Carreira 241, 242, 245, 246, 247, 250

Cidadã 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

Cohesión social 96, 98, 99, 105, 107

Comportamento do consumidor 172, 173, 177, 178, 183, 184, 278, 287, 282, 416, 421, 422, 423, 427

Comunicación 91, 93, 104, 110, 113, 114, 134, 137, 138, 200, 503, 505, 510

Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela 482, 483, 484, 489, 493

COSO 128, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277

Cultura 10, 17, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 76, 127, 135, 139, 153, 163, 168, 187, 245, 287, 308, 310, 312, 347, 351, 363, 388, 395, 423, 428, 430, 431, 432, 433, 434, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 455, 457, 458, 459, 463, 466, 467, 468, 469, 474, 478, 479, 480, 487, 488, 491, 500, 508, 512, 516, 522

Custos de informação 346, 348, 349, 350, 351, 352, 355, 360, 362

## D

Dados em painel 201, 346, 354, 357

Decisiones 94, 98, 99, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 133, 134, 135, 137, 138, 197, 503, 508

Demonstrações contábeis 252, 253, 254, 256, 260, 261, 263, 264

Desastres 98, 99, 106, 108, 109

Desenvolvimento de jogos 38, 41, 42, 45, 47, 48, 50, 53, 59, 60

Desenvolvimento local 15, 328, 334, 343, 344, 444, 457, 459, 463, 480, 501

Desenvolvimento sustentável 228, 329, 339, 408, 428, 443, 463, 468, 469, 479, 480, 488, 489

Desplazamiento 515, 516, 519, 524

Desporto 10, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 310, 311, 312, 313, 315, 316

Diagnóstico situacional 186

Diversidade 68, 69, 166, 176, 241, 242, 248, 249, 250, 251, 315, 408

## E

E-commerce 248, 416, 417, 418, 419, 424, 426

Economia da cultura 51, 439, 463, 480

Economias à escala 201

Economia social 170, 440, 463, 466, 469, 470, 478

Educación superior 186, 187, 188, 189, 190, 191, 194, 197, 198, 199, 200, 506

Empreendedorismo 184, 340, 448, 449, 450, 451, 455, 457, 460, 461, 463, 465, 466, 467, 478, 480

Empreendedorismo rural 448, 449, 450, 451, 457, 460

Empresas 38, 40, 41, 44, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 74, 98, 126, 130, 131, 134, 135, 137, 138, 139, 145, 146, 151, 155, 156, 157, 162, 163, 164, 168, 185, 195, 201, 237, 238, 240, 243, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 256, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 278, 294, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 322, 347, 349, 350, 351, 365, 366, 370, 376, 386, 387, 388, 392, 393, 394, 395, 409, 413, 415, 417, 418, 419, 420, 425, 426, 427, 433, 436, 438, 449, 450, 451, 460, 479, 489, 502, 503, 505, 507, 508, 510, 514

Ensino Universitário 141

ERM 2017 266, 267, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 277

Escolha de universidade 172

Estado e sociedade civil 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 12, 13, 14

Estrategia 4, 98, 105, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 138, 195, 198, 503

Estratégia de Internacionalização da Marca 365  
Extensão do self 172, 173, 174, 177, 180, 182, 183  
Externalidades do capital humano 201

## F

Financial frauds 266, 267  
Função de produção 201, 258  
Función cognoscitiva 186, 196  
Funciones universitarias 186, 199  
Función ideológica 186, 198

## G

Games 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 62, 63  
Gastronomia típica 483, 484, 487  
Gerencia 125, 126, 127, 128, 131, 135, 138, 139, 140, 190  
Gestão de Equipas Empresariais-Comerciais 300  
Gestão pública 10, 19, 76, 481  
Gestión del riesgo 96, 99, 106  
Globalización 139, 187, 189, 199, 503  
Governança 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 250, 431, 436, 439, 446, 448, 469  
Governança da AML 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

## H

Home bias 346, 347, 349, 350, 351, 352, 353, 360, 361, 362, 363, 364

## I

Imperativo tecnológico 241  
Indústria criativa 38, 40, 57, 58  
Información 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 122, 123, 127, 128, 135, 136, 190, 193, 200, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 511, 512, 523  
Innovación 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 125, 126, 129, 139, 140, 186, 188, 200, 506, 514  
Innovación social 96, 98, 99, 100, 101, 103, 105  
Investimento estrangeiro 346, 347, 348, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 360  
ISO 31000 266, 267, 272, 273, 274, 275, 277

## J

Justiça 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 76, 80, 83, 163, 167, 469

## L

Liderança 33, 300, 303, 304, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 367, 368, 385, 386

## M

Marketing de conteúdo 387, 391, 420

Marketing de rede 372, 376, 384, 385, 386

Marketing digital 372, 387, 388, 390, 393, 395, 397, 398, 399, 416, 417, 419, 420, 424, 426, 427

Marketing multinível 372, 376

Marketing público 300, 365, 372, 387, 388, 395, 397, 401

Marketing relacionado com causas 372

Marketing social 372, 401, 408, 409, 413, 414

Marketing turístico-público 387

Mercado de trabalho 160, 161, 166, 169, 248

Mercado imobiliário 319

Metodologias ativas 241, 242, 250

Mobile Marketing 387, 388, 392, 401, 402, 409, 410, 411, 414

Modelos de análise de decisão 252

Mudança 19, 53, 70, 77, 160, 161, 163, 166, 168, 169, 184, 244, 251, 310, 314, 344, 375, 388, 409, 445, 469

Município 9, 12, 13, 14, 19, 21, 23, 24, 34, 64, 67, 68, 69, 449, 457

## O

Organização 4, 5, 10, 11, 16, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 48, 67, 70, 74, 142, 144, 145, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 174, 175, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 239, 245, 256, 261, 294, 306, 311, 312, 313, 315, 330, 344, 372, 374, 412, 413, 419, 420, 429, 431, 442, 446, 450, 454, 457, 468, 483, 485, 500

## P

Participação 1

Percepción social del riesgo 96, 99, 100, 102, 104, 105

Pesquisas relevantes 278

Pilares 167, 227, 228, 229, 230, 231, 233, 239, 242, 484  
Planeamento 8, 9, 16, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 235, 237, 238, 239, 314, 437, 438, 439, 441, 449, 452, 486  
Políticas culturais 38, 40, 42, 44, 51, 56, 58, 468, 481  
Política social 15, 71, 168, 345  
Políticas públicas 1, 2, 3, 4, 5, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 38, 40, 42, 43, 44, 47, 51, 56, 58, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 92, 256, 294, 339, 340, 345, 431, 434, 436, 437, 440, 463, 468, 479, 518  
Portugal 1, 2, 10, 15, 16, 17, 108, 161, 166, 168, 201, 202, 203, 204, 212, 223, 225, 226, 227, 230, 232, 240, 266, 300, 314, 346, 348, 353, 354, 365, 368, 372, 375, 379, 387, 395, 401, 408, 428, 429, 430, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 451, 454, 457, 461, 463, 464, 466, 470, 472, 473, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 489, 490, 499, 500  
Previdência social 71, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84  
Produtor de maracujá 328  
Publicidade e Propaganda 141, 143, 144, 146, 147, 148, 152, 156, 157, 158

## Q

Qualidade em saúde 19, 37

## R

Região de Montemuro 448, 449, 454, 460, 477  
Responsabilidade social 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 170, 365, 366, 369, 372, 401, 408, 413, 414, 415  
Responsabilidade Social Corporativa 141, 142, 143, 145, 149, 152, 157, 158, 401, 408  
Restaurativa 64, 65, 67, 68, 69, 70, 89

## S

Saúde 10, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 37, 75, 76, 166, 169, 227, 229, 230, 231, 232, 233, 239, 240, 283, 332, 336, 342, 345, 372, 374, 376, 401, 408, 409, 412, 441, 454  
Sector de moldes 201  
Segurança 6, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 76, 166, 169, 243, 253, 307, 311, 318, 394, 441, 444, 472, 488  
Sexual 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524  
Situação socioeconômica 328, 330, 331, 336

Sociedades desiguales 86

Sudamérica 86

Sustentabilidade 2, 144, 147, 148, 150, 157, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 238, 239, 240, 330, 428, 433, 437, 444, 457, 468, 478, 486, 497

## T

Tecnología 25, 26, 39, 45, 76, 93, 185, 187, 189, 190, 200, 201, 241, 242, 243, 244, 245, 250, 300, 307, 344, 394, 399, 409, 414, 427, 428, 433, 437, 438, 444, 450, 460, 479, 503, 506

Tendências 70, 136, 191, 201, 281, 291, 318, 319, 387, 388, 390, 391, 395, 398, 400, 422, 435, 446, 487, 488, 500

Território 2, 5, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 26, 102, 196, 366, 411, 428, 433, 436, 437, 438, 443, 444, 446, 451, 457, 463, 464, 465, 473, 475, 478, 479, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 495, 497, 498, 513, 520

Territórios baixa densidade 463

Trabajo Social Forense 86, 87, 90, 95

Transformación adaptativa 96

Transtorno da Compra Compulsiva 278, 294

Triaje 109

Turismo 40, 192, 200, 340, 395, 397, 398, 400, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 449, 457, 460, 468, 478, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 491, 497, 499, 500, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 516, 519, 520, 523, 524

Turismo gastronómico 482, 483, 484, 485, 486, 497, 499

## V

Víctima 89, 111, 114, 115, 118, 516, 517, 518, 519, 521, 522, 524



**EDITORA  
ARTEMIS**